

JEFF RIGON

A chuva e outros contos

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

A chuva

A chuva que cai são lágrimas do céu

São lágrimas de alegria e de tristeza

São lágrimas de ira e de revolta

A chuva que cai é a resposta da natureza

É o sim e o não do universo

A chuva que cai pode lavar e arrastar

A chuva que cai são águas queridas e indesejadas

A chuva que cai pode curar e matar

A chuva que cai é uma transformação

Uma metamorfose que varia de corpo a corpo

De pessoa a pessoa

A chuva que cai pode ser um milagre

A chuva que cai pode ser a salvação

A chuva que cai

A chuva que vai cair

A chuva que continua caindo

A chuva...

A travessia

Maurizio estava à espera da gondola para realizar a travessia do caixão de seu filho Emanuele. Na realidade, o que estava acontecendo era apenas uma troca de cemitério, dado que o anterior estava completamente alagado, submerso por águas escuras e fétidas. O gondoleiro havia sido pago com antecedência para realizar o transporte de pai e filho até o cemitério mais próximo. Maurizio estava pensando sobre quando ainda tinha seu filho nos braços, quando ainda era possível sentir o seu cheiro, o seu calor, de quando podiam brincar, gritar e correr pela casa toda. A morte do menino aconteceu de forma tão inesperada e repentina que Maurizio não tivera tempo de digerir a informação. Parada cardíaca é o que o médico legista havia dito naquela ocasião, o pequeno Emanuele de apenas dois anos tinha deixado sua família para sempre numa noite de muitas estrelas e de céu iluminado. As lembranças todas são como um rio que não pára, que está sempre em movimento, que pode aparentar tranquilidade na superfície, mas que nas profundezas revela caos, rebuliço e revolta. O gondoleiro queria terminar essa viagem o quanto antes para se ver livre do caixão e de toda essa terrível história

de dor e de sofrimento incalculáveis para ele que também tinha filhos e, portanto, uma família a sua espera quando chegasse em casa. Maurizio se recorda do dia do enterro de seu querido filho Emanuele. O quanto havia chorado. Foram lágrimas de uma vida toda que transbordaram dele, pai, viúvo e agora também um ser errante e solitário.

Alguns anos se passaram desde o enterro do menino, talvez uns quatro ou cinco. Mas o fato é que naquela noite de carnaval na cidade, ninguém se preocuparia com a ex-vida de uma criança. Exceto Maurizio, ninguém mais aceitaria fazer essa travessia. Afinal todos estavam curtindo o famoso carnaval mascarado de Veneza. Ocasão esta em que a cidade se tornava meta de inúmeros turistas e visitantes e sobretudo de curiosos. De fato, Maurizio dera muita sorte em encontrar um gondoleiro que aceitasse tal empreitada. Porém, ele tivera que pagar muitos euros e ser insistente e persuasivo até conseguir um sim de seu interlocutor. Embalados pela música clássica oriunda da cidade, a gondola chegou e atracou, o ataúde foi depositado ali e pai e filho fizeram sua última viagem juntos rumo a um novo lar. Aconteceu, porém, que naquela noite de lua cheia a maré estava alta e as águas frias e escuras começaram a balançar a pequena embarcação. Tudo foi tão rápido que não houve tempo de pensar. Uma onda balançou gondola e gondoleiro de forma tão forte e brusca que o caixão caiu na água e quando Maurizio mergulhou atrás de seu filho o que viu foi simplesmente inexplicável, a criança saiu nadando em direção ao mar como se aquele habitat sempre tivesse sido o seu. E que sua vida havia acabado porque ele, o menino Emanuele não suportou continuar respirando por tanto tempo fora d'água.

A xícara

Todas as vezes em que tomo chá nesta xícara me lembro de minha querida e amada avó Anastácia, pessoa bondosa e sábia, um ser humano do qual me recordo apenas das qualidades e de nenhum defeito. Me orgulho de ter recebido essa xícara como herança dela. Segundo o testamento, a peça havia sido trazida da China e fazia parte de uma coleção única e sem réplicas, ou seja, a xícara me pertencia, e ninguém além de mim teria o prazer de usá-la. Porém, o que me intriga é que todas as vezes em que misturo os cubos de açúcar em minhas bebidas fumegantes de tão quentes, eu não consigo mais parar e acabo entrando em uma espécie de transe. Não quero cessar de misturar, interromper esse ritual como se minha vida dependesse disso. Seria loucura ou mania ou ainda excesso de realidade? Sempre que tenho momentos de epifania, nos quais me sinto mais próximo do sublime, do intangível, do intocável, meu subconsciente me diz que é insanidade pura e nada além disso. Costumo concordar, balançando a cabeça afirmativamente, outras vezes eu discordo totalmente e acredito que isso é um dom. Uma revelação divina. Uma oportunidade única e mágica que me foi dada desde o meu

nascimento, mas que só descobri mais tarde, quando me tornei adulto e (quase) consciente de meus atos.

Aqui, nesta casa onde moro, tenho visto e ouvido coisas. Ruídos, barulhos e às vezes até algumas vozes. Como se o lugar estivesse abrigando outros moradores. Em outras palavras, parece que está assombrada. Minha avó Anastácia sempre dizia que todos temos uma certa sensibilidade às coisas extraterrenas, mas que poucos optam por desenvolvê-la. Na realidade, a maioria de nós tem medo de ver e de ouvir o que já foi, o que já passou, bem como daquilo que será, que virá, do futuro. Mas sobretudo do passado e das pessoas que viveram anteriormente a nossa existência terrestre. Medo de acessar aquilo que os cétricos chamam de “inacessível” ou simplesmente de “impossível”.

Quanto mais eu misturo essa xícara, mais o tempo passa, o chá esfria e o líquido começa a evaporar. Parece que faz anos que estou fazendo isso, repetindo esse ato de misturar e misturar incansavelmente e ininterruptamente. Círculo perfeito e vicioso, começo e fim. O tempo é relativo neste lugar, ouço o relógio da sala a cada hora que passa, indicando e comprovando mais uma hora de vida e de minha existência humana. Mas os móveis começam a mudar de cor, de lugar, a poeira começa a encobrir tudo, primeiro com uma leve camada e depois com uma camada de pó mais espessa. Eu, por outro lado, continuo com a xícara nas mãos. De repente me lembro de olhar na foto que está pendurada na parede da cozinha ao lado do relógio cuco que trouxe da casa de minha avó em nossa despedida final. Nesta foto tenho a prova cabal daquilo que eu sempre soube, mas que nunca tive coragem de dizer em voz alta: eu não faço mais parte deste plano, deste lugar, desta casa,

— | | —

deste século. Na moldura da foto de minha família consta a data inconcebível de parentes e familiares que nunca existiram, ou que ainda irão existir. Quando o relógio tocar às 3 horas, em meu lugar restará apenas a xícara, a colher e um grito dolorido, agudo e sem som.

A tempestade

Jamais me perdoarei por aquilo que aconteceu. Nunca. Como pude ser tão inconsequente, tão estúpida. A culpa é dos medicamentos que o médico me passou, é claro! A culpa é dos medicamentos e também do psiquiatra Gregório. Graças aos comprimidos antidepressivos e ansiolíticos eu dormi tanto e profundamente que não fui capaz de ouvir o alerta da ilha. O aviso de que a tempestade estava chegando. O furacão que veio do mar, passou pela nossa Ilha Bonita e não deixou nenhuma construção em pé. Daqui só sobrou o pasto e resquícios de madeira das casas devastadas. Todos aqui temos um abrigo. Um esconderijo subterrâneo para ocasiões como essas. Mas o que me atormenta é que quando acordei no sofá da sala, eu ouvi um grito agudo vindo lá de fora, naquele momento pensei que fosse um pássaro qualquer, e não me lembrei de Estela, minha filha que estava brincando no jardim. As portas e janelas começaram a bater freneticamente devido à ventania que invadia minha casa, eu mais do que depressa fui para o esconderijo, para me salvar. Devo confessar que ainda estava sob o efeito dos remédios de tarja preta e, portanto meus reflexos e meu raciocínio ainda estavam um pouco lentos. Foi quando cheguei lá, e a tempestade

acabou, quer dizer, após a devastação ocasionada pelo furacão, eu pude me tranquilizar e recobrar os sentidos. Contudo algo dentro de mim, em minha consciência, em minha alma e coração me dizia, Aurora onde está sua filha? Eu não tinha resposta para essa pergunta. Eu simplesmente havia me esquecido de minha filha Estela, ou melhor, havia deletado sua existência durante o tempo que durou a tempestade e a passagem do furacão, cerca de 5 minutos apenas. Eu posso dizer que estranhei o fato de estar sozinha ali naquele cubículo onde as paredes estavam todas rabiscadas por giz colorido, comprovando assim a presença de uma criança na casa. Minha filha Estela foi levada pelo furacão para nunca mais voltar. Desde aquele 31 de outubro eu deixei de viver e comecei a vagar pela ilha procurando por minha filha, chamando o seu nome por toda parte e sem cessar. Pode até parecer ridículo, eu sei, contudo eu não podia aceitar tal situação. Perder minha filha para a natureza, por uma falta total de irresponsabilidade. Na verdade, por culpa de meu ex-marido que foi embora quando soube que eu era uma pessoa com depressão bipolar o quê me deixou um buraco, um vazio existencial. Assim sendo, o verdadeiro culpado por minha filha Estela ter sumido é ele e mais ninguém. Antônio sabia que eu não tinha condições de cuidar sozinha de uma criança. Ele sabia disso. E, no entanto, decidiu me abandonar. Homem vil e sem escrúpulos. Para não dizer pior. Enfim, após o ocorrido minha vida tem sido só sofrimento e desolação, porque minha estrela, minha luz, minha esperança se foi para sempre. Filha, onde quer que esteja saiba que sua mãe te ama acima de tudo e não te esquecerá enquanto viva estiver. Me perdoe. Você é minha saudade sem fim. Nós nos reencontraremos!

Livros iluminam

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em janeiro de 2023.
